

ARISTÓTELES E O DESENVOLVIMENTO DA FILOLOGIA GREGA E DA HISTÓRIA LITERÁRIA

ARISTOTLE AND THE DEVELOPMENT OF GREEK PHILOLOGY AND LITERARY HISTORY

ALEXANDRA SANTOS¹

CECH - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

alexasantos54@hotmail.com

Resumo: Aristóteles e o seu círculo Peripatético desenvolveram um vasto trabalho no que respeita à filologia Grega e história literária, a partir do estudo das obras épicas de Homero, e que foram posteriormente utilizados na interpretação de outros poetas. Pretende, assim, este artigo dar conta dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da análise, interpretação e crítica textuais, aliadas a investigações históricas, que permitiram uma abordagem ampla e construtiva nos campos filológico e literário.

Palavras-chave: Aristóteles; Peripatéticos; Filologia Grega; História Literária.

Abstract: Aristotle and his Peripatetic circle developed an extensive work regarding the Greek philology and literary history, from studies of the epic works of Homer that were later applied in the interpretation of other poets. This article aims to give an account of the work done

¹ Doutoranda em Estudos Clássicos – Especialização Poética e Hermenêutica.

in the analysis, interpretation and textual criticism, combined with historical research, which allowed a wide and constructive approach in philological and literary fields.

Keywords: Aristotle; Peripatetics; Greek Philology; Literary History.

A filologia grega e a história literária apresentam-se como duas áreas do saber que abarcam um vasto trabalho desenvolvido por Aristóteles e o seu círculo Peripatético. No entanto, as suas raízes iniciaram-se anteriormente, já no séc. V a.C., com a presença dos Sofistas, que exerceram influências com as suas teorias na prosa, na retórica, na dialética, na poesia.

Os Sofistas explicavam a poesia épica e arcaica, combinando as suas interpretações com observações linguísticas, definições e classificações, e o seu interesse em Homero, na poesia lírica ou na linguagem tinham um único objetivo: o de “educar o homem”, tal como Platão o afirma em *Protágoras*: σοφιστῆς εἶναι καὶ παιδεύειν ἄνθρώπους². Estes escolares acabaram por criar as raízes do futuro ensino, no âmbito da interpretação, da análise da linguagem, da crítica literária, da sabedoria antiga, e da polimatia³.

Mas a verdade, é que o ensino depende do livro, e este instrumento de registo surge no decorrer do séc. V a. C., provavelmente associado aos exercícios sofisticos (apesar de não possuímos fontes diretas dos mesmos). Não podemos esquecer-nos de que havia uma grande tradição oral na literatura grega, e mesmo com a introdução da palavra escrita, houve uma certa resistência a este novo tipo de transmissão do saber, e como refere Pfeiffer (1968: 17) apenas a partir do séc. III podemos falar verdadeiramente de um “conhecimento livresco”, se assim o pudermos chamar.

² Pl. *Prt.* 317 b.

³ Pfeiffer 1968: 17-18.

Mas tanto na tradição oral, como mais tarde com a escrita, encontramos a figura de Homero, e será a partir dos seus poemas, a *Iliada* e a *Odisseia*, duas das grandes criações do génio grego, que se avançará no campo da filologia, tanto pelas mãos dos Sofistas, como dos estudiosos vindouros, como Aristóteles.

Na esteira sofística, surge um dos pupilos de Górgias, Antístenes que, segundo Diógenes Laércio (VI 17.18), demonstrou uma preocupação com Homero e a sua interpretação, já que existia uma longa lista de títulos de livros sobre assuntos homéricos, especialmente sobre a *Odisseia*.

Também, segundo Díon Crisóstomo, Antístenes foi o primeiro a fazer a distinção entre o que “parece/ o aparente” e a “verdade” nos Poemas Homéricos, e esta “teoria” foi mais tarde utilizada para explicar as contradições presentes no texto, sendo para esse filósofo a “investigação das palavras o início para a educação”. O estudo exploratório da poesia pelos filósofos prenuncia o crescimento de um campo especial de investigação que abarca a análise da linguagem, mas há que atentar no facto dos seus estudos se centrarem mais num âmbito retórico e educativo do que numa análise com um intuito literário⁴.

Quando descrevemos os resultados do movimento sofístico nesta área, encontramos em Platão algumas informações. Se Sócrates nunca escreveu um livro, Platão também tinha grandes dúvidas relativamente à palavra escrita tão apreciada pelos Sofistas, e acreditava que a tarefa de interpretar os antigos poetas era inútil ou mesmo impossível. Corroboramos esta ideia com o que Platão dizia dos poetas, ou seja, que eram *alogon*, “não razoáveis”, ou mesmo “contrários à razão”. Isto originava a ideia de que não havia lugar para a crítica literária⁵.

No entanto, no que se refere ao âmbito da linguística, tanto os Sofistas, como Sócrates e Platão encontraram interesse nesta área,

⁴ Pfeiffer 1968: 36-37.

⁵ Pfeiffer 1968: 58-59.

e deparamo-nos no *Crátilo* de Platão com a temática do problema da linguagem no centro do seu debate filosófico⁶.

Mas, como referimos anteriormente, a filologia grega nasceu a partir da vida e obra de Homero, e servirá, mais tarde, para ser aplicada ao estudo de outros autores. Como sabemos, o estudo a partir de Homero funcionou durante muito tempo como o pilar da mais alta formação, a *paideia*⁷. Com a difusão dos livros a partir do séc. V a.C., o ensino começou a incluir mais do que Homero, e os trabalhos dos grandes poetas líricos e trágicos passaram a fazer parte da ‘cartilha’.

Os estudos dos poemas Homéricos mereceram especial atenção a nível de análise, a partir do momento em que se começou a verificar que a sua leitura e compreensão estavam a tornar-se difíceis, não só devido às palavras obsoletas que compunham os seus versos, mas também devido à referência de alguns costumes, que em determinada altura tinham de ser explicados, pois não faziam já parte da mundividência de quem os lia e ouvia. Acrescentamos ainda o facto de muitas vezes o poeta entrar em contradições. Estas situações levaram a que se desenvolvesse a primeira investigação lexical e histórica dos poemas, chegando Teágenes de Régio a propor uma interpretação alegórica de algumas das cenas descritas⁸.

Temos conhecimento de que muitas eram as cópias que em determinado momento circulavam dos poemas de Homero. Estas várias edições, quando comparadas, acusavam diferentes interpolações, omissões e inversões na entrada e em grupos de versos. Estas várias *ekdoseis* (cópias/ edições) eram utilizadas nas colónias do Egipto, e foram comparadas pelos filólogos de Alexandria, durante os séc. III e II a. C., nos seus textos de estudos críticos, e podemos constatar que, ainda que

⁶ Pfeiffer 1968: 59.

⁷ Blum 1991: 14.

⁸ Blum 1991: 14.

exibindo uma primitiva crítica textual, obrigava quem fazia este estudo a tomar decisões filológicas, como refere Blum⁹.

Associado ao problema das várias versões dos poemas de Homero, encontra-se a sua biografia. De modo a colmatar estas falhas, surge o já referido Teógenes de Régio, como o primeiro “biógrafo” de Homero, seguido de Estesíbroto de Tasos e Antímaco de Cólofon, aqui referidos por terem trabalhado a interpretação e a edição dos poemas homéricos, assim como a elaboração de uma apresentação da vida do poeta, tendo desenvolvido uma descrição biográfica e bibliográfica. Como refere Blum¹⁰, estes três investigadores de Homero combinaram a filologia, no sentido mais restrito, e a história literária. Mas pode dizer-se que a filologia em sentido lato começou com Teógenes e aperfeiçoou-se com Aristóteles e o peripatético Praxífanos.

Além da filologia, Aristóteles e os seus alunos, tal como o havia feito Hípias, por exemplo, dedicaram-se à pesquisa sobre a Antiguidade e ao estudo da história cultural. Nomes como Glauco de Régio e Damastes de Sigeia aparecem na esteira literária como os autores das mais antigas obras em história literária, com títulos como *Peri archaion poieton te kai musikon* e *Peri poieton te kai sophiston* (*Sobre os poetas arcaicos e compositores* e *Sobre os poetas e sofistas*, respectivamente).

Inegável figura do mundo Antigo, Aristóteles apresenta-se ainda hoje como um dos pensadores pertencentes ao núcleo dos grandes nomes da Antiguidade Clássica. Mais do que um filósofo ou um homem da ciência, o Estagirita e os seus discípulos do Perípatos desenvolveram estudos no âmbito da filologia grega e da história literária, uma área pouco discutida quando se pensa nesta grande figura, que vai mais além da sua famosa *Poética*, a obra mencionada quando se pensa em Aristóteles como teórico da literatura.

⁹ Blum 1991: 15.

¹⁰ Blum 1991: 17.

De discípulo a também mestre na Academia de Platão, e após a sua estadia na Macedónia enquanto tutor do Grande Alexandre, regressa a Atenas cerca de 335/334, com o seu companheiro e antigo discípulo, Teofrasto de Ereso, lugar onde concebe a sua própria filosofia numa constante controvérsia com Platão, fazendo pesquisas sobre os mais variados ramos da ciência e da aprendizagem. A sua pesquisa incidia sobre três problemas: descobrir o que existe, compreender e explicar porquê e qual a razão da sua existência, e determinar qual a sua essência, criando assim o que atualmente denominados de método de pesquisa científica. Afastando-se da Academia, fundou o Liceu, espaço que compreendia “uma biblioteca, laboratórios, coleções de animais e plantas, salas de conferências”¹¹, e onde desenvolveu a sua grande coleção de materiais de que carecia a aplicação do seu método¹².

Os seus estudos filológicos e literários surgem como uma pequena e fundamental parte do seu grandioso trabalho, mas, infelizmente, apenas chegaram até nós alguns fragmentos, não nos sendo possível datar com precisão os trabalhos desenvolvidos neste âmbito. Mas autores, tal como Díon Crisóstomo no seu discurso *Peri Homerou*, afirmaram que foi partir de Homero que se lançaram os fundamentos para a crítica e gramática.

Também Aristóteles lidou com os pontos controversos da *Ilíada* e da *Odisséia*, continuando a interpretação tradicional de Homero e procedendo a explicações históricas do mesmo: escreve, pois, os *Aporemata Homerika (Problemas de Homero)*¹³. Nesta obra, é provável que tenha feito durante as suas leituras uma lista das “dificuldades” na interpretação de Homero, ao mesmo tempo que teria escrito as suas “soluções”¹⁴. Este tipo de trabalho pode ser comparado com o que surge no capítulo 25

¹¹ Pereira 1993: 497.

¹² Blum 1991: 20-21.

¹³ Blum 1991: 21.

¹⁴ Pfeiffer 1968: 69.

da *Poética*, em que também apresenta os problemas e as soluções, não se servindo apenas de Homero, mas focando também outros poetas.

No universo de tantas versões dos poemas homéricos, diz-se que, quando Aristóteles se tornou professor de Alexandre, fez ele próprio uma cópia da *Ilíada* (que aliás Alexandre levou na sua campanha pela Ásia), um trabalho desenvolvido com os seus alunos. É provável que o Estagirita tenha tido em sua posse, além de uma versão Ática dos poemas homéricos, outras cópias que continham palavras e versos divergentes, e tendo como base estes elementos fez a *diorthosis* (correção) da *Ilíada*, praticando desta forma uma crítica textual.

Preocupado com questões de autenticidade, Aristóteles trabalhou sobre os imensos textos que circulavam com o nome de Homero, e estabeleceu a propriedade literária de autores individuais, tratando com especificidade a sua biografia. Tal trabalho também seria posteriormente feito por Calímaco em Alexandria e outros bibliógrafos¹⁵. Além de Homero, Aristóteles trabalhou sobre as obras de Hesíodo, Arquíloco, ou Eurípides, escreveu o diálogo *Peri poieton* (*Sobre os poetas*) que incidia sobre os poetas, assim como a famosa obra sobre estética literária *Peri poietikos* (*Poética*).

Muitos dos discípulos de Aristóteles partilharam o seu interesse na filologia e história literária. Heraclides Pônticos, Demétrio de Faleros ou Praxífanos deixaram, também eles, trabalhos sobre os problemas da *Ilíada* e da *Odisseia*, e sobre outros poetas, trabalhando sobre a sua interpretação e autenticidade, baseados nas diferentes cópias que existiam. Mas na verdade, como refere Blum¹⁶, nenhum deles, ao contrário de Aristóteles, criou *diorthoseis* de nenhuma das obras épicas. Podemos no entanto afirmar que os Peripatéticos lidaram mais com as questões de autenticidade do que com a crítica textual, e, além disso, contribuíram para o esclarecimento da história literária com

¹⁵ Blum 1991: 22.

¹⁶ Blum 1991: 48.

as suas monografias sobre cada poeta. Possuímos evidências de que estas monografias descreviam tanto o período áureo de cada autor, como reportavam as suas experiências, as suas relações com os seus contemporâneos, especialmente poetas e governantes, listavam as suas proezas e as suas características extraordinárias.

Encontramos, no universo Peripatético, vários nomes que se debruçaram sobre o estudo de diversas áreas: assim, em torno da poesia em geral, temos Heraclides, Teofrasto e Praxífanos; trabalhos sobre os poetas, o mesmo Heraclides, Praxífanos e Fínias de Ereso; sobre Píndaro, Simónides ou Safo, encontramos os trabalhos de Camaleon de Heracleia; sobre o drama e música, Aristóxeno de Tarento; sobre a história em geral, Teofrasto e Praxífanos, apenas para se citarem alguns.

Há a salientar, no entanto, dois nomes do círculo peripatético que lidaram com o assunto aqui debatido: Demétrio de Faleros¹⁷, que na sua obra *Archonton anagraphé* (*Lista dos arcontes*), relata-nos, além dos eventos gerais da história, história literária, especialmente história da filosofia, e Heraclides Pônticos, autor, entre outras, de uma monografia sobre os mitos de Eurípidés e Sófocles, surgindo como o autor da mais antiga monografia escrita neste círculo sobre Homero¹⁸.

Outras obras de renome que pertencem ao cunho aristotélico prendem-se com as famosas listas, os *pinakes*, tratando-se da lista de jogos e vitórias nos concursos dramáticos e, não se sabendo ao certo quando foram feitas, terão sido elaboradas antes ou imediatamente depois de regressar a Atenas. Criadas a partir de estudos de arquivo, sobretudo dos arcontes, chegaram até nós através do testemunho de Diógenes Laércio e Êsquilo de Mileto. Entre elas encontramos os seguintes *pinakes*¹⁹:

¹⁷ Demétrio de Faleros apresenta-se como o impulsor da construção da Biblioteca de Alexandria, e tornou-se o elo de ligação entre os Peripatéticos e a Biblioteca.

¹⁸ No entanto, encontram-se estudos anteriores sobre o mesmo assunto em Antístenes, aluno de Sócrates, e Teógenes de Régio.

¹⁹ Cf. Blum 1991: 23.

Olympionikai (Vitórias nos Jogos Olímpicos) lista que presumivelmente surge como uma revisão e uma edição alargada da *Olympionikon anagraphe* do sofista Hípias;

Pythionikai (Vitórias nos Jogos Píticos) lista que possivelmente seria precedida de uma introdução sobre a história dos Jogos Píticos. Esta lista é um excelente trabalho para a cronologia da história literária, direta e indiretamente, já que lista os poetas líricos vencedores nas competições artísticas; junta ainda os atletas vitoriosos, sobre os quais foram escritas odes, e que permitiram que mais tarde os gramáticos Alexandrinos, datassem, por exemplo, as *Odes Píticas* de Píndaro;

Nikai Dionysiakai Vitórias [nos concursos dramáticos] Dionisíacos;

Didascaliai, apresenta-se como um valioso documento no que respeita à história do drama Ático, pois lista todas as tragédias, peças satíricas e comédias que estiveram em palco entre os séc. V e IV a. C., em Atenas nos mais importantes festivais dionisíacos, e procede a um trabalho de documentação acerca dos autores. Foram revistos posteriormente por Calímaco, que criou o *Pinax ton didascalion*. As *Didascaliai* e o trabalho de Calímaco foram posteriormente utilizados por Aristófanes de Bizâncio, para criar as suas próprias *hypotheses* (sumários dos concursos), que introduziu nas suas edições dos clássicos.

Reisch²⁰ considera estas listas de Aristóteles e Calímaco como “os verdadeiros monumentos da história literária”, mas tornam-se igualmente importantes no que toca à compreensão do início da biobibliografia grega. O principal objetivo de Aristóteles ao compor as *Didascaliai* era o de fazer história literária, e não apenas registar os prémios ganhos pelos vencedores dos festivais, que continham, sem dúvida, uma inacreditável quantidade de informação sobre história literária. As *Didascaliai* permitiram aos estudiosos de Alexandria não só ter acesso à datação das peças como também conhecer a vida e outros trabalhos dos poetas tratados, sendo possível saber o período áureo dos poetas,

²⁰ Apud Blum 1991: 33.

através do conhecimento registado da data da sua primeira e última representação. Mas apenas uma pequena parte chegou até nós.

Em todo o caso, as *Didascalíai* aristotélicas constituem uma fonte segura para a biografia e bibliografia dos poetas trágicos e cómicos Áticos dos séc. V e IV a. C., tanto que uma peça adscrita a um famoso poeta que não estivesse listada nas *Didascalíai* deveria ser posta em causa no que se refere à sua autenticidade²¹. Estas *Didascalíai* permitiram, igualmente, identificar os autores de determinadas peças aquando da ausência do nome do autor, assim como de algumas peças que não possuíam título ou se apresentavam sob vários títulos. Nestes casos, eram feitos trabalhos que tomavam em conta o período de escrita das peças, a linguagem utilizada, entre outros critérios. Os alunos de Aristóteles continuaram a sua lista, mas a sua preocupação baseava-se sobretudo em fixar as datas e não estabelecer uma teoria.

Uma outra lista de Aristóteles, que provavelmente fez uso das informações biográficas e bibliográficas que compilou para as *Didascalíai*, seria o trabalho denominado *Peri tragodion* (*Sobre as tragédias*), embora apenas tenhamos referência dele na lista de trabalhos atribuídos ao filósofo.

A *Poética*, uma das grandes obras de Aristóteles que temos entre mãos, aparece como a primeira tentativa de descobrir uma ordem racional no universo da arte literária, como era, aliás, seu objetivo para todos os outros ramos do saber. A obra tornou-se a *techne* na plena acepção da palavra²².

Não nos adentrando pelo conteúdo desta obra, focaremos apenas alguns pontos que servirão como exemplo do trabalho de Aristóteles neste âmbito da literatura e da linguística.

²¹ Relativamente a este facto há que ter uma certa atenção já que algumas peças não surgem listadas por Aristóteles, por não terem sido representadas em Atenas, como é o caso da tragédia de Eurípides, *Andrómaca*.

²² Pfeiffer 1968: 75.

Assim, encontramos, por exemplo, no capítulo 20, uma lista das partes da elocução, desde os “elementos primários” (*stoiceia*) até à “frase” (*logos*). Esta questão da elocução aparece igualmente na *Retórica*, obra que oferece uma teoria concebida com espírito científico, onde escreve sobre a prática do orador, determinando e expondo com rigor lógico as normas que neste campo se ocultam por detrás dos fenómenos²³.

Um dos pontos de grande relevância discutidos prende-se com a dificuldade em definir “verbo”, *rema*, ‘aquele que indica tempo’. Em *Protágoras*, *kronos* nunca poderia significar “tempo”, e Platão nunca o mencionou; assim, Aristóteles aparece como o primeiro a apontar que as diferentes formas de *rema* expressavam relações temporais. Na *Poética*, reconhece nos verbos o presente e as formas de passado²⁴. Pfeiffer²⁵ refere que a lista de Aristóteles com os oito constituintes da “elocução” nunca visou ser um sistema linguístico, mas suportava uma análise razoavelmente coerente de alguns termos fundamentais.

Ainda que pertencente a uma parte perdida da *Poética*, temos conhecimento de um outro novo termo cunhado por Aristóteles e que faz parte do nosso atual sistema de análise textual e que se prende com aquilo de que já Pródico havia falado aos seus alunos, ou seja, que existiam palavras que tendo diferentes formas significavam mais ou menos o mesmo: os denominados “sinónimos”, *synonyma*, vocábulos que Aristóteles aconselhava os poetas a utilizar.

Outro grupo bastante importante no estudo de Aristóteles prendia-se com as palavras raras e obsoletas, as glossas, *glossai*, e afirma, tanto na *Poética* como na *Retórica*, que a maioria destas palavras se encontra na poesia heroica, tendo a ver sobretudo com dialetos e palavras estrangeiras, as quais contrastavam com palavras ‘correntes’, *kupia*. Estes estudos conduziram, mais tarde, a um novo interesse nesta área, e em

²³ Lesky 1995: 601.

²⁴ Pfeiffer 1968: 77.

²⁵ Pfeiffer 1968: 78.

cerca de 300 a. C., Filitas de Cós e Símiás de Rodes fizeram a primeira coleção de glossas épicas e de dialetos²⁶.

Os trabalhos sobre Política (outra das áreas de interesse do universo aristotélico) seguem quase um sistema idêntico àquele com que elaborou as listas dos vencedores dos festivais. Se, por um lado, temos o trabalho filosófico da *Política*, por outro, temos a extensa coleção de *Politeiai*, que reuniu as 158 constituições das cidades e das tribos, na sua maioria gregas, e das quais apenas nos resta a *Constituição de Atenas*.

Dos seus estudos sobre a Antiguidade, temos também os *Nomina barbarika* (*Os costumes dos não-Gregos*) e seguindo o seu predecessor Hípias, reuniu também material etnográfico.

Outro ponto prende-se com o seu interesse por provérbios, e com o livro *Prooimiai*. A existência deste livro é assunto controverso, mas no seu primeiro diálogo anti-platónico, *Peri philosophias*, encontramos um Aristóteles que considera os provérbios “sobreviventes da filosofia pré-literária”, e considera-os terem tanta sabedoria como os Órficos ou os Sete Sábios. A verdade é que Aristóteles gostava de embelezar os seus textos tardios de retórica e política com citações proverbiais. Um dos seus alunos, Clearco de Sole, escreveu mesmo, em forma narrativa, dois livros sobre provérbios²⁷.

Por último, encontramos um outro tipo de coleções, talvez surgidas como consequência das *Didascaliai* ou dos *Politeia*, e das quais Aristóteles liderou o caminho: a coleção com doutrinas filosóficas de acordo com tópicos especiais, as chamadas *doxai*. Nestas obras trabalhou igualmente a vida e obras dos autores, expondo as ideias dos criadores e interpretando-as.

Concluindo, podemos dizer que, combinando os elementos Platónicos e Iónico-Sofísticos, Aristóteles criou uma característica única nos seus

²⁶ Pfeiffer 1968: 79.

²⁷ Pfeiffer 1968: 83.

estudos sobre a linguagem, ultrapassando mesmo os seus predecessores com a universalidade do seu conhecimento²⁸.

Capaz de reunir uma vasta quantidade de informação que aplicava aos seus princípios filosóficos, organizando-o com a ajuda dos seus alunos, atinge, assim, a ideia, do ponto de vista teleológico em diferentes etapas, de que as coisas que chegam ao seu “fim” têm de ser investigadas. A interpretação e crítica Alexandrina, juntamente com com a fundação da poética, da cronologia literária, e dos estudos dos poetas, fizeram de Aristóteles o criador da filologia²⁹. Relativamente à história literária em Aristóteles, esta deve ser entendida tendo em conta a plena aceção do termo *littera* que lhe está na etimologia, ou seja, abrangendo todas as áreas do conhecimento, desde as ciências às artes, incluindo a poesia, a retórica e a música³⁰.

Ao mesmo tempo que a filologia, a história literária ou as demais ciências resultaram do universo aristotélico e o dos Peripatéticos, estes estudiosos do Liceu trouxeram até nós uma ampla gama de trabalhos, sobre as mais variadas áreas, permitindo desenvolver as raízes de uma transmissão de conhecimento vasta e minuciosa.

31

BIBLIOGRAFIA

Aristóteles, *Poética*. Sousa, E. trad. (1998, 5ª ed.). Lisboa.

Blum, R. (1991), *Kallimachos: the Alexandrian Library and the origins of bibliography*. Trad. Hans H. Wellisch. Wisconsin.

Jaeger, W. (1948, 2ª ed.), *Aristotle: fundamentals of the history of his development*. Oxford.

Lesky, A. (1995), *História da Literatura Grega*. Losa, M. trad. Lisboa.

²⁸ Pfeiffer 1968: 79.

²⁹ Jaeger 1948: 328.

³⁰ Blum 1991: 47.

Pereira, Maria Helena da Rocha (1993, 7ªed.), *Estudos da História Clássica: cultura grega*. Lisboa.

Pfeiffer, R. (1968), *History of classical scholarship: from the beginnings to the end of Hellenistic age*. Oxford.